

O VOLEIBOL COMO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO COGNITIVO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A REALIDADE NA ESCOLA PÚBLICA EM GOIÂNIA-GO

Renata Oliveira Silva¹
Célio Antônio de Paula Júnior²

RESUMO

O voleibol se tornou um esporte de muita visibilidade no cenário nacional, chamando atenção e sendo descoberto por crianças, jovens e adultos. É na escola que acontece o primeiro contato sistematizado, essas primeiras experiências na modalidade. O desenvolvimento cognitivo está intimamente atrelado às capacidades motoras e físicas assim como essas capacidades dependem do cognoscível, do intelecto para se desenvolverem plenamente. Assim, foi realizado um estudo de caso transversal e descritivo, cuja análise é qualitativa, com o objetivo de identificar o voleibol (conteúdo da grade curricular nas escolas), como um instrumento eficaz nesse desenvolvimento pleno entre capacidades, habilidades motoras e físicas e capacidades, habilidades cognoscíveis. Para coleta de dados foi realizada pesquisa através de questionário com alunos (n= 141) e seus respectivos professores em três realidades escolares públicas de Goiânia-GO. Também foi verificado se a estrutura que o ambiente escolar propiciava para a prática do voleibol durante as aulas regulares de Educação Física, tendo um leque de especificações a serem aglutinadas, relacionadas, interpretadas e qualificadas. Assim, conclui-se que a maioria dos alunos vê o voleibol como um instrumento importante na sua formação, enxerga alguns mecanismos que lhe proporcionam algum desenvolvimento, mas de forma, ainda, bastante rasa. Já os professores defendem a prática do voleibol como um somatório de fatores no que se diz respeito ao desenvolvimento do aluno que vão desde: o reconhecimento do corpo, sua lateralidade, propriocepção, agilidade, raciocínio lógico, o trabalho em equipe, a cooperação, a socialização, um amplo desenvolvimento sensorio motor, valores agregadores do esporte dentre outros aspectos.

Palavras-chave: Educação Física Escolar, Voleibol, Desenvolvimento cognitivo.

VOLLEYBALL AS COGNITIVE DEVELOPMENT PROCESS IN THE CLASSES OF PHYSICAL EDUCATION: THE REALITY OF THE PUBLIC SCHOOL IN GOIÂNIA-GO

ABSTRACT

Volleyball has become a sport of high visibility on the national scene, drawing attention and being discovered by children, youth and adults. It is at school that happens the first systematic contact, these first experiences in the sport. Cognitive development is closely linked with motor and physical capabilities as these capabilities depend on the knowable, intellect, to fulfill their potential. Thus, it conducted a transversal and descriptive case study, whose analysis is qualitative, with objective to identify the volleyball (curriculum content in schools) as an effective instrument in the full development of skills, motor and physical abilities, and cognitive skills. For data, capture was researched through questionnaire with students and their teachers in three public schools realities of Goiânia-GO. Also checking the structure that the school environment conducive to the practice of volleyball during regular physical education classes, having a range of specifications to be clumped, related, interpreted and qualified. Thus, it is concluded that most of the students see as an important instrument in their training, in some aspects that their development, but still quite shallow. On the other hand, teachers defend a practice of voting as a de facto sum without regard to the development of a passenger based on: body recognition, laterality, proprioception, agility, logical reasoning, socialization, extensive sensory motor development, values of sport among others.

Keywords: Physical Education, Volleyball, cognitive development.

¹ Professora de Educação Física. E-mail: renata_oliveirago@hotmail.com

² Mestre em Ciências da Saúde e Docente adjunto da Faculdade Araguaia. e-mail: celiopersona@gmail.com

INTRODUÇÃO

O voleibol tornou-se um esporte de muita visibilidade no cenário nacional nos últimos anos após as conquistas de diversos campeonatos pelas seleções brasileiras, masculina e feminina. Tais conquistas chamaram a atenção, para o esporte, de crianças, jovens e adultos. É na escola que acontece esse primeiro contato sistematizado com o esporte e as primeiras experiências em uma quadra esportiva, destinada ao ensino do voleibol.

Levar a prática da modalidade para dentro do ambiente escolar, mais precisamente nas aulas regulares, é sempre um desafio para o professor que acaba encontrando resistências por parte dos alunos, da cultura esportiva (futebol/futsal) e da complexidade dos fundamentos do esporte. Aos olhos de Bizzochi (2008), os esportes trazem denominações como “esporte base”, “esporte completo”, “esporte complexo” e o voleibol com sua difícil assimilação das habilidades motoras se enquadra nessa última denominação. A prática do voleibol constrói gestos motores não naturais tornando-se mais difíceis por não se pode reter ou segurar a bola, com limitação de toques a esta e mudanças de direção sem mudar o eixo do movimento.

Tubino (2001) descreve sobre a dúbia interpretação que se tem acerca do esporte-educação, onde se é perdido a essência do sentido educativo do esporte (corpo e intelecto), tornando-o uma reprodução da esporte performance, de rendimento, distanciando-o assim do caráter educacional que deve ser resgatado dentro das aulas. O ambiente escolar é composto por várias transições no que se refere ao conhecimento, aprendizagem, desenvolvimento, crescimento e maturação intelectual e biológica dos alunos. O aluno tem todas essas, além de outras, capacidades desenvolvidas na prática do voleibol.

Kunz (2010) evidencia a sua crítica ao ensino do esporte na forma de rendimento dentro do espaço escolar. Ele acredita que essa prática está dentro de uma manipulação ideológica e cultural, pregando que o ensino deve ser através de vários elementos como o movimento, os jogos e esportes, tornando os alunos observadores de seu próprio desenvolvimento e de suas habilidades.

Diante de todas essas visões e perspectivas, o papel do educador é essencial na formação integral do aluno através da prática do voleibol, seja no desenvolvimento motor, no desenvolvimento dos processos de aquisição de conhecimento (cognição) e no desenvolvimento das habilidades físicas e sociais, respeitando as etapas do desenvolvimento humano, sua individualidade biológica e suas diversas possibilidades de aprendizagem (TANI et al, 2002).

Assim, este estudo parte da seguinte questão: De que forma o voleibol pode ser usado como ferramenta no desenvolvimento cognitivo? Com essa pergunta haverá a tentativa de se construir um esquema da ação direta que esse esporte tão complexo, que não é praticado apenas com as valências físicas, inerentes a todos os esportes, mas a capacidade de reação, concentração, imaginação, capacidade de trabalhar em conjunto, capacidade emocional, de superação, relacionando fatores psíquicos e motores na construção do indivíduo.

O estudo é justificado, pois visa demonstrar para a comunidade científica, aos professores de Educação Física e das diversas áreas da educação, resultados que demonstrem a contribuição do voleibol para o desenvolvimento cognitivo do aluno. A pesquisa torna-se relevante para a comunidade escolar estudada, trazendo benefícios no campo cognitivo e desperta o indivíduo à prática de atividade física proporcionando melhor qualidade de vida.

Diante do conhecimento teórico o voleibol é uma prática que trabalha de uma forma ampla a cognição do aluno, melhora a sociabilidade destes, possibilitando aos mesmos uma percepção e interpretação de si mesmo, além de trabalhar a autoestima e confiança. Desta forma, o objetivo geral deste estudo será identificar as ferramentas que trabalham o desenvolvimento cognitivo nas aulas de voleibol dentro do ambiente escolar. Já os objetivos específicos, serão: verificar se o voleibol de forma sistematizada pode alcançar resultados no processo de construção e desenvolvimento da cognição do aluno; descrever os processos de ensino e aprendizado pela vivência do voleibol; relacionar as habilidades físicas com as capacidades cognoscíveis do aluno.

O estudo parte da premissa que o desenvolvimento cognitivo do aluno traz benefícios ao longo da sua vida, com a melhora da atenção, percepção, raciocínio, equilíbrio, imaginação e capacidade de adaptação (TANI et al, 2002; PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2009).

Considerações acerca da Educação Física Escolar

A Reforma Couto Ferraz, 1851, é o pontapé inicial para a implantação da Educação Física nas escolas da Corte no Brasil Império. Passou-se pelo final da monarquia, percorreu a República Velha e com a promulgação da Constituição Federal em 1934 passou por modificações e em 1937 houve uma estabilização dentro das instituições escolares. Sempre influenciadas pelos militares e médicos higienistas. Com o Regime Militar novas transformações levaram a Educação Física (EF) a atender as necessidades e interesses dos

militares que era “fabricar” e manter indivíduos aptos fisicamente, saudáveis e a disposição da Pátria (CASTELLANI FILHO, 1994).

Com o propósito de enaltecer a Pátria, o esporte foi implantado fortemente no âmbito escolar, buscando a formação de atletas que iriam defender o país em competições, surgindo assim o que denominamos de tecnicismo onde o professor era o técnico e o aluno atleta. Havendo assim uma popularização e disseminação da EF. (CASTELLANI FILHO, 1994; RANGEL-BETTI, 1999).

A partir da década de 80, os professores de EF começaram a refletir sobre o caminho que a Educação Física Escolar (EFE) estava tomando, seus almejos em *prol* do conhecimento científico, suas possibilidades de contribuição com estudos focados e voltados às práticas pedagógicas e o surgimento de novas abordagens dentro da EFE (DARIDO; SANCHES NETO, 2005 *apud* METZNER; RODRIGUES, 2011).

Foi no cenário escolar que começou a ser focado novas abordagens críticas bastante visíveis nos dias de hoje. Houve uma grande divulgação e experimentação, inserindo novos contextos e sugestões em programas, trazendo assim novas concepções pedagógicas à EFE, onde se começou a nortear o trabalho dos professores dentro das escolas (RANGEL-BETTI, 1999).

O Coletivo de Autores (1992, p.50) conceitua a Educação Física como: “[...] uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal ”.

Para Kunz (2010), inicia-se assim uma discussão entre o modelo tradicional e uma tendência “pró-gressista”, onde, além das atuais especificidades uma EFE comprometida com finalidades mais amplas e abrangentes, inserindo propostas político-educacionais de tendência crítica da educação brasileira. Os alunos tornam-se sujeitos de seu próprio desenvolvimento se emancipando, no qual o jogo, os esportes são ferramentas preponderantes para essa incursão em seu crescimento sócio-afetivo.

O professor deve refletir sobre suas ações em suas práticas sociais, em como isso atingirá e fará com que o aluno entenda que é parte integrante de uma sociedade. Essa experiência se inicia na escola quando o professor deve ponderar sobre tendências que permeiam e tematizam a educação física escolar, na busca de uma correlação entre pensar e

fazer, usando uma concepção do esporte para discussões do movimento esportivo e como ele deve ser tratado dentro do ambiente escolar (DARIDO; RANGEL, 2011).

Em uma colocação bastante pertinente Darido nos mostra que:

Na Educação Física, muitos professores, ainda influenciados pela concepção esportivista, continuam restringindo a suas aulas aos esportes mais tradicionais, [...]. Não bastasse esse fato, é muito comum que estes conteúdos esportivos sejam transmitidos superficialmente, apenas na ótica do saber fazer, o que acaba limitando a perspectiva do que se ensina/aprende, do conhecimento produzido pela humanidade sobre a cultura corporal. (DARIDO, 2012, p. 46).

E o que se faz presente em todas as falas dos autores citados, está o papel do esporte dentro do ensino da EFE, onde tal merece um adendo dentro desta contextualização no próximo tópico.

O Esporte e a Educação Física Escolar

O esporte é tratado como patrimônio da humanidade, fenômeno sociocultural, elemento da Cultura Corporal, sinônimo de Educação Física, ou mesmo como produto do sistema capitalista (DARIDO; RANGEL, 2011; BARROSO; DARIDO, 2006; RANGEL-BETTI, 1997).

Normalmente quando o professor de EF pergunta aos alunos o que eles entendem por educação física as respostas, em sua maioria, remetem aos esportes coletivos, futsal, voleibol, basquete, handebol, esportes jogados na quadra no ambiente da escola e outros esportes como natação, lutas em menor número de citação. É uma cultura enraizada dentro dos círculos escolares que vem passando de geração em geração e é obrigação do professor fazer com que os alunos percebam outras dimensões da EF (saúde, movimento, qualidade de vida) e todas as nuances do esporte.

A questão principal é: Como trataremos o esporte dentro das aulas de EF? O esporte dentro das aulas não pode ser pautado dentro do quesito rendimento. Deve buscar a valorização da cidadania, democratização da prática e inclusão de todos os alunos buscando formar cidadãos seguros, confiantes e socialmente capazes (TUBINO, 2001).

Na escola o aluno tem de ser informado sobre todo o processo de construção do esporte, desde os povos primitivos, passando pela Grécia antiga até o surgimento dos esportes modernos no séc. XIX, evidenciando o esporte como componente de cultura em nossa sociedade. (BARROSO; DARIDO, 2008). Durante muito tempo, até os dias de hoje, o esporte é priorizado

dentro das aulas de educação física e essa exclusividade atrapalha a formação completa do aluno não lhe dando horizontes acerca de outras várias práticas e manifestações corporais.

O ensino do esporte, dentro da concepção crítica-emancipatória, é ensinar o aluno a ler, interpretar e criticar os fenômenos socioculturais do esporte, exercendo assim também uma ação comunicativa com o aluno. É dentro das aulas que identificamos as realidades de cada aluno ou grupos que pertencem, problemas sociais e culturais que são trazidos para o ambiente escolar, que trabalhados de forma direta ou indireta pelo professor, levará os alunos a reflexões e possíveis soluções, oportunizando-o a entender a produção ideológica do esporte dentro das dimensões da vida social (KUNZ, 2010).

A escola é um ambiente democrático, quando se trata do esporte-educação, onde não é aceito a exclusão, existindo sim manifestações sociais críticas por parte do aluno com expressões geradas pela cultura do movimento evitando a competitividade exagerada (DARIDO; RANGEL, 2011).

Grandes discussões são travadas sobre o esporte da escola e esporte na escola. O lúdico em detrimento ao desempenho, a formação de cidadãos contra a formação de atletas, a inclusão contra a exclusão. Sendo que nenhum dos dois deixa de educar, mas não com os mesmos objetivos. O esporte não pode ser deixado de lado como meio de se educar (RANGEL-BETTI, 1997).

Segundo Assis (2005), o esporte pode ser resumido em duas dimensões desconsoante entre si, sendo que em sua segunda dimensão diz sobre o papel do esporte na escola, servindo como base da pirâmide esportiva, ressaltando a esportivização de outras formas culturais e corporais.

Podem-se resumir todas as afirmações descritas, em uma reflexão sucinta acerca do ensino do esporte nas aulas de EF, é necessário prover o aluno de todas as informações sobre o esporte desde sua concepção, aceitação, evolução e modernização, intermediando o conhecimento que eles já têm incorporado. Tratar o esporte como ferramenta de inclusão nas aulas despertando sentimentos variados nos diferentes alunos. Fazer com que os alunos sejam capazes de entender o esporte sendo além de uma simples reprodução de gestos, é ser agente transformador da realidade em que está inserido.

O contexto intrínseco do voleibol

O voleibol em sua história nasceu da necessidade de haver um esporte onde não ocorreria contato físico, que qualquer pessoa pudesse jogá-lo, inclusive e principalmente os mais velhos, onde se pudesse praticar o coletivo de forma prazerosa buscando momentos de recreação. Com o passar dos anos o esporte foi sendo praticado e apreciado caindo no gosto popular e se espalhando pelo mundo (BIZZOCHI, 2008).

Como todo esporte, foi se modificando, passando por transformações, evoluindo de acordo com a necessidade dos praticantes e atletas. Tornou-se totalmente popular sendo praticado desde crianças a pessoas idosas, jogado em clubes, parques, agremiações e escolas. Suas evoluções, no decorrer dos anos, o tornou competitivo, emocionante, prazeroso em todos os olhares.

Homens e mulheres se permitem viver o voleibol quando estão dentro da quadra, mesmo com muitas pessoas dizendo que é um esporte previsível onde se sabe o que vai acontecer, mas a mágica está exatamente aí, em se saber o que vai acontecer e proporcionar a quem joga, e principalmente a quem assiste, fintas sensacionais, bloqueios que mais parecem paredes, ataques com uma altura e força descomunal, defesas plásticas que nos parecem impossíveis. Tudo isso é o espírito do voleibol, a emoção em se praticar e assistir é não desistir da bola e buscá-la a todo preço.

De acordo com Goiás (2009) o voleibol (e suas variações) como conteúdo curricular deve levar o aluno a conhecer, descobrir sobre as raízes históricas, alterações e evoluções do esporte, vivenciar e realizar as atividades específicas inerentes que permeiam o jogo bem como questões de gênero, preconceito notado na prática do voleibol.

Podemos definir o voleibol escolar através das palavras de Impolcetto e Darido (2011, p. 91):

[...] o objetivo da Educação Física na escola, compreende-se o voleibol, como elemento da cultura corporal, deve ser de tal modo vivenciado e compreendido pelo aluno, para que de forma autônoma ele tenha condições de transformar e usufruir dessa prática em benefício do bem estar, do lazer, da estética, como meio de comunicação e expressão e ainda participar do alto rendimento fora do contexto escolar, se assim desejar.

Assim, um dos primeiros ambientes em que as crianças têm contato com um voleibol sistematizado é na escola, é com o professor de Educação Física, a descoberta da modalidade, das suas possibilidades em todas as suas dimensões. O voleibol escolar, dentro das aulas regulares de Educação Física deve ser estruturado diferente dos treinos da modalidade mesmo dentro da escola.

“O que é saber jogar?” esta indagação de Casco (2007, p.35) nos faz refletir, há tantas maneiras diferentes de responder a essa questão, são inúmeras formas, alguns fatores imprescindíveis que levam a prática do esporte. Alguns podem responder apenas com técnica, modelos táticos, mas vai além dessas sentenças, o voleibol aguça a imaginação a emoção dos jogadores.

Parafraseando uma afirmação de Freire (2012, p. 114), “Pensar se aprende pensando”, logo chegamos à conclusão: Jogar se aprende jogando. É com a repetição, com os erros e acertos, vivências individuais e coletivas que o aluno vai formando seus “arquivos” de experiências motoras e cognitivas, aumentando seu acervo do imaginário em relação ao jogo. Casco (2007) relata sobre questões como imaginação e criação de imagens durante o ato de se jogar, da prática esportiva, trabalhando assim o desenvolvimento das habilidades corporais intimamente ligadas ao desenvolvimento cognitivo, motor e biológico do aluno.

Refletindo sobre as palavras de Bizzochi (2008), pode-se afirmar que o voleibol é um esporte com gestos específicos, com habilidades não naturais, ou seja, existe uma dificuldade inicial em se aprender os fundamentos do esporte em virtude de sua complexidade de movimentos. Movimentos naturais como saltar, andar (de frente, de costas, lateralmente) e correr são exigidos pela prática do vôlei e estes apenas completam o portfólio de vários movimentos que são usados dentro da quadra de jogo.

Movimentos como “toque” onde não se retém a bola, a cortada (onde não se pode arremessar a bola), o deslizamento do corpo no solo (rolamento e peixinho) são exemplos de movimentos e habilidades que serão aprendidas com a prática da modalidade. No primeiro momento o aluno fica receoso, com medo e vergonha de jogar por achar não ser capaz de realizar os gestos, movimentos tecnicamente corretos dentro das aulas de EF onde o objetivo não é a excelência dos movimentos e sim a vivência no jogo, no esporte, é levar o aluno a conhecer a modalidade e assim, talvez, levá-lo querer praticar fora do ambiente escolar.

Seguindo esse raciocínio entramos em um universo descrito por Freire (2012) onde temos a educação física do movimento e pelo movimento. Os indivíduos ao longo de seu desenvolvimento aperfeiçoam e coordenam seus movimentos ou pela necessidade por fatores do meio (onde nos lembram de questões como adaptação evolutiva) e com uma sistematização orientada no ambiente escolar isso sendo a educação física do movimento.

Enquanto os movimentos básicos servem de ponto de partida que levam a obtenção de movimentos mais elaborados com um grau maior de dificuldade ou mesmo aquisições não

motoras levam à educação física pelo movimento. O voleibol se enquadra perfeitamente nesses requisitos onde deverá levar o aluno a refletir sobre suas ações motoras conquistadas durante as aulas de educação física levando suas novas habilidades para o seu dia a dia.

Dentro desses pressupostos que conseguimos entender as minúcias e particularidades que vem a ser o ensino do voleibol, o trabalho desenvolvido de forma planejada, sistematizada, transforma a aprendizagem do aluno em algo prazeroso e de fácil entendimento superando assim a complexidade do aprendizado do esporte (BIZZOCHI, 2008).

O processo cognitivo

Quando ouvimos sobre cognição, processo ou desenvolvimento cognitivo nos vem à cabeça alguns conceitos como: raciocínio, resolução de problemas, pensamentos, capacidade de aprender por interação ao meio, respondendo a estímulos contidos neste. A forma que o indivíduo interpreta esses estímulos, transformando-os em ações será diferente entre um indivíduo e outro, dada pela equação tempo/velocidade. (TANI et al, 2002).

O processo cognitivo faz parte integrante do desenvolvimento humano, este que nada mais é que “processos de mudanças e estabilidade ao longo do ciclo de vida humano”, já dizia Papalia; Olds e Feldman (2009, p. 7). Os mesmos autores falam sobre o desenvolvimento cognitivo tratando-o como capacidades mentais diretamente relacionados a fatores sociais (o meio), emocionais e físicos.

A teoria Sociocultural de Vygotsky também citada por Papalia; Olds e Feldman (2009) em que esta, afirma que o crescimento cognitivo se dá através da interação social dentro de um ambiente, compartilhamento de hábitos, experiências trocadas com outros, um processo colaborativo, onde o indivíduo vai absorvendo, direcionando e organizando o que vai vivenciando no meio.

Já citando a teoria de Piaget sobre o desenvolvimento cognitivo Payne e Isaacs (2007), falam da adaptação como um ajustamento entre as demandas do meio, interação, estímulos e mudanças e a intelectualização desses ajustes através de assimilação e acomodação.

Com a reunião de todas essas informações pode-se chegar a uma reflexão sobre a cognição, a ela são relacionadas à consciência, memória, raciocínio, estratégias, julgamento, atenção, imaginação, percepção, pensamento, aprendizagem, linguagem e ação onde todo esse processo de desenvolvimento ocorre de forma individualizada, em que o indivíduo percebe,

aprende e organiza o conhecimento dentro de um determinado meio, sobre si mesmo e sobre os outros indivíduos.

Dentro da EF o desenvolvimento cognitivo é amplamente trabalhado já que, associadas, ações físicas e ações mentais, trazem um melhor ganho no processo de cognição não podendo assim isolá-las sem que cause prejuízo ao desenvolvimento e aprendizagem (FREIRE, 2012). Essa afirmação de Freire se evidencia de forma bastante clara nas palavras de Tani et al (2002) quando exemplificam o círculo evolutivo: movimento desenvolve a sensação, sensação a percepção, percepção a cognição e a cognição o movimento. Essa relação, movimento e desenvolvimento cognitivo, se dá pela organização das percepções em forma de estruturas cognitivas oriundas das sensações causadas pelo movimento produzindo assim aprendizado. Ocorrendo de forma contínua e evolutiva. O movimento depende da cognição para que esse vá conquistando qualidade e a cognição depende do movimento para que haja ações provocativas para desencadear percepções.

Para fazer um arremate na relação entre o desenvolvimento cognitivo e movimento sensório motor a citação de Ricoboni e Souza:

[...] a Educação Física escolar possui a função primordial de proporcionar nesta fase o aumento da quantidade e qualidade das atividades que buscam ampliação da capacidade motora das crianças e com já vimos da capacidade cognitiva, a partir do momento que o ser humano é um ser complexo e não fragmentado, ou seja, uma área (física) só se desenvolve a partir do momento que a outra área (cognitiva) possa estar apta a oferecer tal suporte. (RICOBONI; SOUZA, 2009, p. 10.318).

O movimento faz parte de qualquer exercício ou atividade física, os exercícios físicos agem diretamente sobre a função cognitiva aumentando assim a velocidade no processamento cognitivo (ANTUNES et al, 2006). Partindo dessa afirmação pode-se concluir que no ambiente escolar o jogo, os esportes, as brincadeiras são estímulos constantes para aumentar a velocidade desse processo.

Destacando o contexto de cognição, usando o esporte da escola, o voleibol mais precisamente, este é um esporte que requer muita atenção, concentração constante, rápidas tomadas de decisão, onde a previsão é bastante usada durante o jogo, pode-se afirmar que existe uma alta utilização dos processos cognitivos (CASCO, 2007).

Combinadas influências ambientais e influências neurológicas se torna mais evidente a maturação cognitiva e é no espaço das aulas de EF que se pode e deve intensificar esse processo.

Ficando o professor responsável por adequar as atividades aos alunos e não os alunos as atividades. (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2009). Lembrando que de um indivíduo para o outro esse processo ocorre em velocidades diferentes. (TANI et al, 2002).

Resumindo a contextualização exposta em todo o texto chega-se a seguinte ponderação acerca da relação entre cognição, esporte e a EF, a ligação intrínseca que o desenvolvimento cognitivo tem com o esporte fica bastante evidente, tendo inúmeros fatores que fazem influência direta no seu processo de construção. E dentro do ambiente escolar, com aulas de EF, em que o aluno já traz uma vivência prévia e interação em um meio social, aulas planejadas dentro de preceitos científicos, estímulos e intervenção do professor, que haverá uma maturação biológica e cognoscível e conseqüentemente física e social.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo de caso transversal e descritivo, cuja análise é quali-quantitativa. O estudo foi realizado em três escolas públicas, com localização em diferentes regiões da cidade de Goiânia-GO, com os alunos do 1º ano do Ensino Médio e os seus respectivos professores de Educação Física, que em suas aulas regulares de Educação Física, utilizam a prática do voleibol como conteúdo efetivo da disciplina.

Não houve uma seleção entre os indivíduos visto que as aulas abrangem todos os alunos das referidas turmas, sendo explorado o universo disponível de uma amostra não probabilística. Para o início da coleta de dados, o diretor da escola assinou um Termo de Consentimento Institucional, dando a anuência para a pesquisa no local.

A coleta de dados usando técnicas padronizadas de acordo com o tipo de pesquisa se deu por um questionário estruturado com 11 questões objetivas, destinadas aos alunos sobre o contato que eles tem com o voleibol na forma de aprendizagem lúdica e as primeiras vivências ou experiências que eles possuem com o esporte. Para a participação efetiva dos sujeitos da pesquisa, estes terão que assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Outro questionário foi aplicado ao professor de Educação Física, contendo oito questões abertas, discursivas, englobando conhecimentos biológicos, lúdicos, cognitivos e pedagógicos na disciplina.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa contou com a participação de três realidades escolares da rede estadual de ensino de diferentes regiões de Goiânia: região sudeste, região leste e região oeste, que serão aqui nomeados: Colégio 1, Colégio 2 e Colégio 3 respectivamente.

No Colégio 1, região sudeste, tendo o ensino fundamental e médio em suas etapas de ensino, encontrou-se um colégio com uma estrutura física em boas condições com construção mais nova, 12 salas de aula, laboratório de informática, cozinha, banheiros adequados à alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, pátio coberto e descoberto e uma pequena área verde. A quadra de esporte que é usada nas aulas de EF é um ambiente descoberto, ao fundo da quadra há uma tenda montada onde é realizada explicações e algumas atividades antes de se dirigirem a quadra. Os materiais utilizados na aula de voleibol, rede, bola são fornecidos pelo professor de uma Universidade que utiliza o colégio para estágio de seus acadêmicos. Onde foram pesquisados 39 alunos entre 14 e 17 anos, 22 meninos, 13 meninas e 04 que não identificaram gênero.

No Colégio 2, região leste, com 52 alunos pesquisados sendo 28 meninos, 21 meninas e 03 que não identificaram gênero entre 14 e 17 anos. Com apenas o ensino médio em seu funcionamento, uma estrutura física mais desgastada, construção antiga onde contem 9 salas de aula, cozinha, banheiros adequados à alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, laboratório de informática, equipamentos multimídia como: TV, aparelho de som, DVD, retroprojetor, pátio descoberto e sem área verde. A quadra passou por reforma recente sendo coberta para as aulas de Educação Física, materiais como postes de sustentação da rede foram pintados recentemente, bolas foram adquiridas há pouco tempo, rede com um tempo maior de uso já deteriorada. De uma forma geral há materiais e equipamentos para o desenvolvimento das aulas de voleibol.

No Colégio 3, região oeste, onde tem o ensino fundamental e médio em suas etapas de ensino, colégio antigo, mas com uma sólida estrutura física contendo 23 salas de aula (que não são todas utilizadas), laboratório de ciências e de informática, salas de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), cozinha, biblioteca, dependências, vias e banheiros adequados a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, auditório, pátio coberto e descoberto e área verde. O colégio é agraciado com duas quadras poliesportivas cobertas, onde são ministradas as aulas de EF, materiais em bom estado de conservação, postes, rede nova e de boa qualidade, bolas oficiais e em um número satisfatório e inclusive cadeira de árbitro de voleibol. Pesquisa foi realizada com alunos na faixa etária entre 13 e 17 anos, onde foram 22 meninos, 24 meninas e 04 que não identificaram gênero totalizando 50 alunos.

Foram entrevistados 141 alunos na somatória das três realidades escolares, com alunos entre 13 e 17 anos, tanto do sexo masculino quanto feminino. Foi possível observar as diferenças entre as escolas principalmente no que diz respeito à visão, prática, discussão e envolvimento dos alunos com o esporte voleibol. Através do questionário respondido pelos alunos chega-se muito perto da percepção que estes têm acerca da EF, do voleibol e sua prática.

Em sua grande maioria, 133 alunos (94,32%), dos três ambientes pesquisados, defendem que as aulas de educação física são importantes, mas com considerações que divergem entre: aprender um esporte por que faz bem à saúde, por que deixa o corpo em movimento ou por que é importante pro corpo; E explicações mais elaboradas como o que dizem: o aluno 1 do Colégio 3 “aulas de educação física são importantes porque ela nos ensina não só a pratica, a teoria e histórias de cada esporte” e o aluno 1 Colégio 2 “ porque se aprende mais sobre o funcionamento do nosso corpo de maneira prática também”.

Esta reflexão dos alunos corrobora com Darido e Rangel (2011), quando tratam da EFE e os professores como agentes pedagógicos em se tratando da intenção das atividades do ensino, onde se buscam coerências entre o que se faz, o que se pensa estar fazendo e mesmo o que realmente se faz e espera da compreensão dos alunos dentro do contexto amplo e geral das aulas de EF, que vão além do que ainda hoje se aplica nas aulas regulares, onde os alunos já percebem que a EF vai além dos esportes que a eles sempre foram apresentados.

Os que não acham as aulas de EF importantes, 07 alunos (4,96%), também se explicam: aluno 1 Colégio 1 “por que não gosto de educação física” e o aluno 1 Colégio 3 “ pois muitas das vezes o professor só passa para jogar futebol e nem todos jogam e muitas vezes a sala inteira fica a toa nas aulas de educação física”.

De acordo com essas manifestações, Assis (2010), faz alusão ao esporte e sua exclusividade, primazia e hierarquia nas aulas de EF, onde não se têm abertura e espaço para outras práticas corporais de movimento incorporadas pelo professor as aulas. Dessa maneira onde não se apresenta novas práticas e atividades para além dos esportes, e principalmente o futsal/futebol, os alunos vão naturalmente se excluindo das aulas por não terem afinidade com o que se tem como cultura enraizada.

Dentre os alunos pesquisados, 106 (75,17%) afirmam que as aulas de voleibol são importantes por que se desenvolvem habilidades, se aprende um esporte, e de forma mais elaborada em suas repostas observamos: aluno 1 do Colégio 2 “para obtermos maior conhecimento, e talvez até nos apaixonar pelo esporte”; o aluno 1 do Colégio 3 “sim porque

para termos uma certa postura e desenvolvimento articulado” e o aluno 1 do Colégio 1 ”ajuda a coordenação motora do nosso corpo”. E os alunos que não acham as aulas de voleibol importantes ficam com 33 alunos (23,40%) do total, em suas declarações destaca-se: aluno 1 do Colégio 3 “muitas regras”; aluno 2 do Colégio 3 “eu acho que não tem importância passar aulas de vôlei até mesmo porque é a minoria que participa” e o aluno 1 do Colégio 2 “porque não me acrescenta”.

Tais falas contradizem com Borsari (2001, p. 37), “além de força, agilidade, raciocínio e reações rápidas deve ser dotado de grande resistência [...]. Psicologicamente deve ser dotado de muita personalidade, equilíbrio e espírito de equipe”. Ainda reforçando que o voleibol desenvolve habilidades Casco (2007) diz que além das habilidades básicas o voleibol, antes de qualquer coisa, é jogado com os olhos, pois assim se desenvolve o que chamamos de previsão, acompanhado pela atenção, concentração constante e tomadas rápidas de decisão.

De forma mais sintética nas demais indagações pode-se constatar as afirmações dos alunos como segue: 105 alunos (74,46%) acreditam que o voleibol proporciona aprender algo, enquanto 33 alunos (23,40%) não aprendem nada. Já 32 alunos (22,69%) não conseguem entender o porquê de determinado exercício passado pelo professor durante a aula e 105 alunos (74,46%) entendem perfeitamente os procedimentos dentro da mesma.

Diante dessas respostas, Barroso e Darido (2008), posicionam que para conferir um embasamento das informações, o professor se torna responsável por aplicar metodologias que busquem o comprometimento, interação e participação dos alunos em suas vivências diárias dentro das aulas e a estes cabem deixar de ser apenas “vasilhames” ao qual são adicionados os conteúdos, precisam participar desse processo educacional também como seus próprios construtores de conhecimento. Assim o processo ensino-aprendizagem se torna uma via de duas mãos.

Dentro do universo dos alunos pesquisados têm-se estatísticas peculiares acerca do voleibol, 25 alunos (17, 73%) praticam voleibol fora do colégio contra 115 alunos (81,56%) que não praticam de maneira nenhuma, os que acompanham partidas de voleibol pela TV permeiam em 67 alunos (47,51%) e os que não assistem 73 alunos (51,77%). Enquanto 52 alunos (36,87%) conhecem algum jogador outros 89 alunos (63,13%) nunca tiveram contato com um jogador de voleibol. O prazer de se fazer amigos com a prática de um esporte é comungada por 61 alunos (43,27%), enquanto 80 alunos (56, 73%) afirmaram não ter feito amigos com a prática do voleibol.

Para elucidar essas experiências dos alunos acerca do mundo e da prática do voleibol pode-se citar uma passagem de Casco (2007, p. 32), “Não é assim que se iniciam e se mantêm as grandes amizades?” A prática do voleibol tanto como esporte educação, esporte lazer ou esporte rendimento traz essa socialização dos envolvidos no jogo, criando-se vínculos, relações e hábitos saudáveis de convivência prazerosa e ocasionando assim outras formas de viver o esporte além das quadras (BARROSO; DARIDO, 2008).

Quando indagados sobre se todo aluno é capaz de jogar voleibol 126 alunos (89,36%) dos alunos afirmam que sim, já 15 alunos (10,64%) não concordam, nem todos os alunos são capazes de aprender a jogar. E dentro desse ambiente 56 alunos (39,71%) revelam que tem dificuldades em jogar o voleibol e 84 alunos (59,57%) não tem dificuldade nenhuma na prática da modalidade. Bizzochi (2008) retrata que o ensino do voleibol deve se tornar prazeroso diante das complexidades e particularidades dos fundamentos, para que assim não haja resistência, negativa e mesmo exclusão do aluno durante as aulas, por se tratar de um caminho que será novo para o mesmo. E muitas vezes o que é novo causa resistência.

Tani et al (2011, pg. 5), já afirmavam “em muitos estudos o domínio motor é mencionado como domínio psicomotor, em função do grande envolvimento do aspecto mental ou cognitivo na maioria dos movimentos”. Diante disto, os alunos foram perguntados sobre as melhorias em algumas de suas habilidades e percepções, onde estes poderiam marcar mais que uma sentença ou acrescentar outras. Em números reais pode-se destacar o reflexo como um item que houve uma melhora em 56 alunos pesquisados, seguido pela atenção 49 alunos, equilíbrio e raciocínio com 33 do total. Sendo que 3 alunos afirmaram que nada melhorou em suas habilidades. Alguns itens que os alunos acrescentaram chamaram atenção como: relacionamento, coletividade, paciência, responsabilidade, respeito, educação, movimento, agilidade/habilidade.

Diante da compilação de dados do questionário dos professores, têm-se interessantes e importantes informações acerca do esporte como conteúdo escolar, da prática do voleibol no ambiente escolar e suas contribuições e ainda sobre desenvolvimento biológico, valências físicas e socialização dos alunos. A identificação dos professores seguirá os mesmos moldes anteriores; pelo colégio em qual é docente.

No Colégio 1 a professora tem 45 anos de idade e está a 20 anos concursada no Estado de Goiás. A professora do Colégio 2 tem 26 anos e trabalha para o Estado a 04 meses sendo

através de contrato. E com 11 anos de efetividade através de concurso público no Estado a professora do Colégio 3 que tem 34 anos.

Quando indagadas: o que o voleibol trás de crescimento na formação da criança? Tiveram respostas como: melhora o desenvolvimento motor e ampliação dessas habilidades motoras, o físico, o afetivo, o cognitivo, a concentração, o caráter, a socialização, a integração e a alegria do aluno. A professora do Colégio 2 pontua ainda: “A criança desenvolve os aspectos sensórios motores, trabalha a lateralidade, evidencia a lateralização permitindo que a criança conheça o seu corpo e como esse se movimenta”.

Em consonante as palavras de Papalia e Olds (2009) que afirmam que nessa faixa etária, saída da infância para o pré-púbere e puberdade, é um período de maior intensidade em todas as ações do indivíduo, tanto físicas, psicológicas, motoras e biológicas. Momento de transformação onde já são capazes de raciocínio abstrato, julgamento moral e realizar planos futuros, o voleibol traz sensações que desperta, provoca e intensifica seu crescimento e maturação física, biológica, afetiva e social.

As três (03) professoras comungam do pensamento que o desenvolvimento cognitivo está diretamente ligado às valências físicas, pois são interdependentes, se interligam para dar condições de aprendizagem na organização e execução das propostas a eles apresentadas. E, de grosso modo, ligados também aos aspectos intelectuais e soluções de problemas, intensificando-se através da utilização de jogos e suas situações táticas.

Essa afirmação das professoras é amparada cientificamente pelas palavras de Tani et al (2011) quando nos explica que a EF é o instrumento de estimulação, maturação, desenvolvimento de habilidades perceptivo-motoras e capacidades físicas sendo relacionadas entre si, onde as atividades propostas tem de ser ajustadas aos alunos e não os alunos as tarefas pois cada um se desenvolve em sua própria velocidade.

Entre as professoras pesquisadas temos duas abordagens que prevalecem em suas aulas, a Crítico-Emancipatória onde a professora do Colégio 2 acredita que o aluno não é desprovido de “bagagem” e vivência, que é trazida de outros ambientes, o senso comum e que são incorporados no ambiente escolar para ajudar no desenvolvimento, criticidade, autonomia do próprio aluno. E a Crítico-Superadora onde a professora do Colégio 3 aplica por considerar os conteúdos que compõe a EFE elementos da cultura corporal, com isso o voleibol está presente na forma do esporte.

Essa é uma discussão ampla e de suma importância dentro do contexto escolar, Kunz (2010), em seu discurso aborda os aspectos de que o aluno não é um “recipiente vazio” que vai para a escola ser “enchido” de conhecimento, ele tem seu próprio conhecimento de mundo, de maneira não formal que são tratados de forma conjunta dentro do ambiente formal que é a escola. Já o Coletivo de Autores (1992), afirma que ao aluno tem que ser apresentado a todos os elementos que a EF contém para que seja munido de referências que o torne um ser humano crítico, autônomo e apto a viver na sociedade em nosso mundo capitalista.

Sobre a questão do real papel do esporte dentro da EF temos várias conotações na mesma linha de pensamento, enquanto a professora do Colégio 3 enfatiza: “esporte sendo um dos elementos da cultura corporal deve ser estudado e compreendido como um elemento criado e modificado pelo homem ao longo dos tempos”. A professora do Colégio 2 declara: “Que o esporte da escola está além de ensinar as modalidades esportivas, o esporte traz diversos elementos da cultura corporal que não podem ser negados aos alunos. É possível trabalhar os aspectos biológicos, sociais, culturais midiáticos intrínsecos a este conteúdo tão polêmico nas aulas de Educação física escolar”

Assis (2005, p. 112), questiona sobre “lugar e papel do esporte na escola”, por tempos em nossa cultura escolar o esporte era (e em alguns lugares ainda é) a única manifestação da EF. Hoje o temos como instrumento importante na educação e esse faz parte da cultura humana que se detém dentro da cultura corporal de movimento, cultura corporal, cultura de movimento, cultura motora, cultura física (DAOLIO, 2004). Esse mesmo autor faz um estudo comparativo entre as abordagens e seus autores, muito significativa sobre esse conceito cultura e o esporte como elemento deste. Pois todos os autores aqui citados defendem que o esporte nas aulas é sim uma maneira de ensinar.

Os conteúdos abordados na aula e o espaço que o voleibol tem nas aulas de EF é explicado pelas professoras de maneira sucinta, é abordado e trabalhado os elementos da cultura corporal como jogos, esporte, lutas, danças, como também a historicidade da EF e sua conceituação bem como suas várias nuances. Onde o voleibol se instaura dentro do esporte sendo trabalhado de forma que o aluno entenda seu surgimento, crescimento e sua prática.

Barroso e Darido (2008), falam dessa análise histórica e sua forma de utilização nas aulas para que o aluno usufrua o máximo do conhecimento para sua formação, que trabalhar a cultura corporal de movimento é resgatar a cultura humana em toda sua amplitude, relacionando o corpo e o movimento dentro de aporte histórico.

Que o voleibol deve ser trabalhado de forma lúdica para ser vivenciado de forma ideal, pois de uma forma totalmente sistematizada (treino) pode desmotivar os alunos “por exigir técnicas (movimentos) que não são naturais à criança”, assim deve-se, trabalhar através de jogos, jogos cooperativos usando aspectos táticos e inerentes ao esporte para assim os alunos o vivenciarem, mas sem a necessidade ou cobrança de gestos técnicos assim inibindo o aprendizado e afastando ou excluindo os alunos do processo ensino-aprendizagem.

Diante dessa postura das pesquisadas encontramos a fala de Barroso e Darido (2008), que vem em defesa do que relataram “O que interessa no ambiente escolar é tornar possível a aprendizagem do jogo [...]” Dessa maneira concluímos que não é necessário a excelência na execução dos gestos técnicos dentro dos fundamentos, é necessário proporcionar ao aluno entender e vivenciar o voleibol.

A afirmação das professoras que dentro da prática do voleibol se observa as etapas do desenvolvimento biológico da criança e adolescente é sempre dentro de um processo contínuo, o esporte em seu processo de ensino-aprendizagem segue etapas e estas são ofertadas de acordo com a faixa etária que a criança/adolescente se encontra, por exemplo: quando o aluno assimila sobre o lado que deve ir, o lado que possui maior facilidade para executar um gesto, saber, entender e executar movimentos oriundos do voleibol.

Essas afirmações são amparadas por Tani et al (2011, p. 54), quando escrevem que “O desenvolvimento caracteriza por uma sequência fixa de mudanças morfológica e funcionais no organismo”. Ressaltam ainda que as habilidades motoras são controladas e programadas através dos aspectos de cognição do indivíduo. Lembrando assim Vygotsky e sua ZPD (Zona de Desenvolvimento Proximal) em sua teoria Sociocultural (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2009).

Quanto às mudanças observadas que o voleibol traz aos alunos que o tem nas aulas regulares as professora citam: aprendem a escutar, observar e executar com mais eficiência e controle dos movimentos, concentração, compreensão do seu corpo no espaço, percepção, raciocínio lógico e conceitos físicos para melhoria dos gestos técnicos isso dentro do dia a dia na sala de aula e principalmente nas avaliações e médias bimestrais. E outras mais profundas ao longo do tempo.

Freire (2009), para arrematar, o mesmo diz que a partir de problemas apresentados aos alunos estes usarão seus recursos cognitivos (inteligência corporal e do pensamento) para que com menor ou maior eficiência haja as soluções desses problemas tendo assim abertura a novas

possibilidades que lhe serão apregoadas aumentando sempre sua reflexão acerca dos problemas e diminuindo seu tempo de resposta ao ambiente.

Com tantas exposições de opiniões de professores que estão algum tempo na docência pode se perceber o quanto é ampla as discussões sobre EFE, esporte, voleibol e processos cognitivos. Caminham em uma mesma direção sendo levadas por caminhos diferentes, paralelos no que diz respeito aos ambientes disponíveis para aulas, aos tipos de metodologias empregadas nas mesmas, aos recursos, quanto aos alunos que frequentam suas aulas e os tipos de aulas práticas ministram. Tudo isso sendo refletido nas afirmações dos alunos pesquisados.

Assim, tendo uma amplitude de afirmações e opiniões a análise desses dados seguem uma estrutura qualitativa sendo mediada pelos autores aqui presentes que nos fará ter uma visão crítica a tudo que aqui foi exposto e discutido acerca do que se pode estabelecer em como o voleibol pode levar a um ganho no desenvolvimento cognitivo do indivíduo.

CONCLUSÃO

Este estudo se fez necessário para elucidar uma questão que sempre é discutida no meio acadêmico, a atividade física, o esporte, com destaque neste estudo para o voleibol e sua influência no desenvolvimento cognitivo. Assim, constatou-se que o Voleibol como componente disciplinar nas aulas regulares de Educação Física Escolar, é uma ferramenta que contempla ao mesmo tempo habilidades motoras, valências físicas, características cognitivas, afetivas e sociais, através de processos de construção contínua dessas capacidades.

Os alunos que foram pesquisados se encontram no Estágio de Construção formal, de acordo como a teoria Piagetiana, sendo, portanto, capazes de criar ideias, trabalhar com pensamentos abstratos e uma linguagem social. O voleibol, neste caso, pode ser trabalhado com essa faixa etária, visto que o aluno já é capaz de contemplar, absorver, associar, entender e praticar o jogo.

Os professores pesquisados comungam da ideia de que o voleibol deve ser trabalhado de forma contínua através das seriações dentro da escola, em processos lúdicos e com alguma sistematização para que todos os alunos sejam contemplados pelo processo ensino-aprendizagem que o voleibol proporciona. Onde as etapas de desenvolvimento biológico, psíquico, motor e social sejam relacionadas diretamente com as etapas de ensino do voleibol.

Podem-se descrever os processos de ensino e a relação entre habilidades físicas e capacidades cognoscíveis nas aulas regulares, pois estas se aglutinam e são executadas no

mesmo espaço de tempo a coordenação motora, a lateralidade, o equilíbrio, a velocidade, o reflexo, a força explosiva, a flexibilidade, a atenção, a construção de gestos não naturais, a solução de problemas, o raciocínio, a imaginação, a criatividade, as tomadas de decisão, a construção de relações, o aprimoramento da relação espaço/tempo, a estratégia e o julgamento. Todos esses elementos que são encontrados na aula são percebidos, absorvidos e organizados pelo indivíduo na sua construção individual dentro de um meio social.

Diante desse cenário pode-se chegar à conclusão que, o voleibol contribui com o desenvolvimento cognitivo do aluno, sendo que esse processo é uma constante construção do indivíduo, passando por fases e etapas no decorrer do seu crescimento e amadurecimento biológico, psicológico e social. O papel do professor de Educação Física é de suma importância em todo esse processo de ensino e desenvolvimento psicomotor, ele que leva o aluno a se envolver e gostar da prática dos esportes e atividades físicas, já que a cognição está intimamente ligada ao movimento e o movimento a cognição.

No presente estudo, foram encontrados resultados contundentes, mas novas pesquisas se fazem necessárias sobre o desenvolvimento cognitivo de escolares e atletas em diferentes realidades esportivas, tanto no ambiente escolar quanto nos ambientes próprios para o desenvolvimento do esporte visto que é um campo que tem muito a ser explorado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Hanna Karen Moreira; *et al.* Exercício físico e função cognitiva: uma revisão. **Revista Brasileira de Medicina e Esporte**, v.12, n.2, mar./abr. 2006.
- ASSIS, Sávio de. **Reinventando o Esporte**: Possibilidades da Prática Pedagógica. 3. ed. São Paulo: Ed. Autores Associados, 2005.
- BARROSO, André Luís Rugiero; DARIDO, Suraya Cristina. Escola, educação física e esporte: possibilidades pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, v. 1, n.4, p. 101-114, dez. 2006.
- BARROSO, André Luís Rugiero. **Voleibol escolar**: uma proposta de ensino nas dimensões conceitual, providencial e atitudinal do conteúdo. Rio Claro, 2008. 226 f. Dissertação (Mestrado em Pedagogia da Motricidade Humana) - Universidade Estadual Paulista.
- BIZZOCHI, Carlos “Caca”. **O voleibol de alto nível da iniciação a competição**. 3. ed. São Paulo: Ed. Manole, 2008.

- BORSARI, José Roberto. **Voleibol: aprendizagem e treinamento. Um desafio constante.** Variações do voleibol: vôlei de praia, fut-volei, vôlei em quartetos. 3. ed. São Paulo: Ed. EPU, 2001.
- CASCO, Patricio. **Voleibol.** São Paulo: Ed. Odysseus, 2007.
- CATELLANI, Lino Filho. **Educação Física: a história que não se conta.** 4. ed. Campinas: Ed. Papirus, 1994.
- DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o conceito de Cultura.** Campinas, SP: Autores Associados, 2004.
- DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica.** 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Koogan, 2011.
- DARIDO, Suraya Cristina. Diferentes Concepções sobre o papel da Educação Física na escola. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral.** São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 21-33, v. 16, 2012.
- FREIRE, João Batista. **Educação Física de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física.** 5. ed. São Paulo: Ed. Scipione, 2012.
- GOIÁS, Secretaria de Educação. Currículo em Debate – Goiás: sequências didáticas – convite à ação Educação Física. **SEC**, 2009.
- IMPOLCETTO, Fernanda M.; DARIDO, Suraya Cristina. Sistematização dos conteúdos do voleibol: possibilidades para educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**; v.19, n. 2, p. 90-100, 2011.
- KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** 7. ed. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2010.
- METZNER, Andreia Cristina; RODRIGUES, Wallace Anderson. Educação Física escolar brasileira: do Brasil Império até os dias atuais. **Fafibe.** Bebedouro, v. 4, mar 2011.
- PAPALIA, Diane; OLDS, Sally Wendkos; FELDEMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano.** 10. ed. Porto Alegre: Ed. AMGH, 2009.
- PAYNE, Gregory; ISAACS, Larry. **Desenvolvimento Motor Humano.** Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 2007.
- RANGEL-BETTI, Irene. Educação Física Escolar: olhares sobre o tempo. **Motriz**, v. 5, n. 1, jun./1999.

RANGEL-BETTI, Irene. Reflexões a respeito da utilização do esporte como meio educativo na educação física escolar. **Revista KINESIS**, Santa Maria, n.15, p. 37-43, 1997.

RICOBONI, Henry Marcos Gomes; SOUZA, Daiane Silva de. A influencia da atividade esportiva sobre aspectos cognitivos de crianças. In: IX Congresso nacional de educação- EDUCERE, In: III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 2009, PR. Anais... PUCPR,10/2009, p. 14.

SOARES, Carmen Lúcia; *et al.* **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo. Ed. Cortez, 1992.

TANI, Go; *et al.* **Educação Física Escolar**: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. Rio de Janeiro: Ed. EPU, 2002.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do Esporte**. 3. ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2001.

Recebido em 10 de janeiro de 2017.

Aprovado em 31 de janeiro de 2017.